

# Equilibrar o orçamento

## Escolhas do presente geram impactos no futuro

**"Não adianta poupar para o futuro se não há recursos para o curto prazo", diz o economista Fabiano Calil**



Antes de pensar no futuro, é necessário pensar no presente. Equilibrar o orçamento, tornando as receitas maiores do que as despesas é um dos pontos mais importantes para começar o planejamento para aposentadoria, consideram especialistas em finanças pessoais. A receita pode parecer simples, mas não é praticada por muitos. "A maioria não tem sequer noção para onde o seu dinheiro está indo", afirma a planejadora financeira Leticia Camargo, que detém a certificação CFP (Certified Financial Planner).

Ela enfatiza a necessidade de as pessoas fazerem o próprio fluxo de caixa, contabilizando as despesas e descobrindo no que estão gastando - hábito que costuma dar bons resultados. Frequentemente, descobrem que o dinheiro está sendo consumido por supérfluos, que não contribuem para a realização dos planos da maioria das famílias: a compra da casa própria, o custeio dos estudos dos filhos e uma aposentadoria sem apertos financeiros.

Um estudo feito pelo aplicativo GuiaBolso com 22 mil usuários ao longo de três meses mostrou que, após começarem a usar a ferramenta e a controlar os gastos, as pessoas reduziram o nível de endividamento (o número daqueles que usaram o cheque especial caiu 25%) e dobraram as economias em relação ao período que gastavam sem tomar notas.

Como as escolhas do presente têm impacto no futuro, torna-se relevante priorizar os gastos. "As pessoas querem ter tudo ao mesmo tempo. Não percebem que a tranquilidade financeira é muitas vezes incompatível com seus desejos. A expectativa é sempre maior que a realidade, independentemente do

quanto se ganha", afirma o planejador financeiro (CFP) Thiago Sampaio, da LifeFP. Como os diversos desejos e projetos concorrem por uma quantia fixa de recursos (geralmente, o dinheiro do salário), a realização de um costuma interferir na de outro, diz. A compra da casa própria pode prejudicar a segurança na aposentadoria, por exemplo. Para ele, o planejamento permite que se alcancem os objetivos, na medida em que busca equilibrar os projetos do presente com os do futuro.

"Não adianta poupar para o longo prazo se não há recursos para o curto prazo", resume Fabiano Calil, economista e psicanalista. Isso porque é praticamente inevitável que o dinheiro acabe sendo desviado para cobrir rombos, deixando o indivíduo sem poupança de curto e nem de longo prazo. Uma vez equilibrado o orçamento, planejadores dizem que é necessário constituir uma reserva para emergência suficiente para cobrir os gastos por pelo menos seis meses. Formado esse colchão, há condição de começar a poupar para a aposentadoria. O que acaba acontecendo muitas vezes é que as pessoas misturam as prioridades ou poupam para o futuro, mas para o dos filhos.

Este é um dos erros comuns, considera Calil: guardar dinheiro para a faculdade dos rebentos sem antes ter constituído uma reserva para a própria aposentadoria. "A atitude de querer garantir o futuro dos filhos implica admitir que eles não terão capacidade de cuidar de si mesmos", afirma. Embora a iniciativa seja repleta de boas intenções, ele considera que o tiro pode sair pela culatra, ao desestimular os jovens a ter autonomia - o que, no futuro, pode vir a onerar o orçamento do aposentado. ■

# Diversificar aplicações e fontes de renda

Diversidade de alternativas traz mais segurança e menos risco



O velho conselho de não colocar todos os ovos na mesma cesta vale também para o planejamento da aposentadoria. Especialistas em finanças pessoais consideram que o ideal é contar com várias fontes de renda, o que reduz o risco da falta de recursos nessa fase da vida. Imagine alguém que apostou todas as fichas no investimento em imóveis e na renda de aluguéis. Num momento como este, de recessão e renegociação dos contratos, a renda imobiliária tende a diminuir. A situação pode ser suavizada se o indivíduo contar com outros recursos. Daí a importância da diversificação das fontes de renda.

Um dos tripés dessa diversificação ainda é, e deve continuar sendo, a Previdência Social - até porque a contribuição para o INSS é obrigatória para todos os que têm carteira assinada e auferem rendimentos do trabalho. "Ainda não se sabe o que acontecerá após a reforma da Previdência, mas hoje é bastante vantajoso contribuir para o INSS, que oferece não só a aposentadoria, mas coberturas adicionais", afirma Leticia Camargo, planejadora financeira (CFP). Dentre esses benefícios, estão a pensão por invalidez, pensão para o cônjuge, salário-maternidade e auxílio-doença. Ela desmistifica a visão de

muitos de que não vale a pena contribuir para o INSS porque os valores das aposentadorias são baixos, pois considera a cobertura oferecida ampla e os benefícios são corrigidos pela inflação, mantendo o poder de compra. Mesmo que o benefício venha se reduzindo em relação ao salário mínimo, ela afirma que não há perda do poder de compra e que essa sensação de pobreza provém dos aumentos reais que o mínimo teve ao longo dos anos.

Outro ponto é a segurança: enquanto os investimentos feitos pelas pessoas podem ir por água abaixo (a bolsa pode despencar, a inflação pode corroer os ganhos da renda fixa, os imóveis podem sofrer forte desvalorização e uma seguradora pode falir, deixando seus segurados na mão), é mais difícil que o governo federal dê calote e suspenda os pagamentos das aposentadorias e pensões. Afinal, ele tem outros mecanismos à disposição (como a inflação) para honrar seus compromissos.

No entanto, é inegável que o Estado brasileiro está com poucas alternativas e deve responsabilizar empresas e cidadãos na tarefa de prover o próprio sustento após o fim da vida ativa. A tendência, considera Bruna Borges, consultora sênior da Mercer, é que as empresas e indivíduos brasileiros passem a ter de contribuir mais para

**Ernesto Leme, diretor da Claritas, diz que parcela de risco das aplicações deve diminuir à medida que idade aumenta**



as aposentadorias, a exemplo do que acontece nos países desenvolvidos, onde a renda da aposentadoria é dada pelo tripé formado pela poupança do Estado, dos indivíduos e das companhias.

Como o encargo e a responsabilidade das pessoas devem aumentar, a diversificação dos investimentos na fase de acumulação dos recursos também se torna mais premente. Afinal, más aplicações podem deixar o tripé capenga. Seja por meio dos VGBLs e PGBLs, por fundos de investimento e aplicações no Tesouro Direto ou em ações, a ideia é pulverizar o risco.

Ernesto Leme, diretor comercial da Claritas, considera que a inclusão da renda variável deveria fazer parte da carteira de previdência dos jovens, na faixa dos 30 anos, mesmo que eles tenham perfil de risco conservador. Isso porque eles dispõem de tempo para se recuperar de possíveis perdas. Ele afirma que uma forma de diversificar é dentro dos PGBLs e VGBLs balanceados, que mesclam renda fixa e variável. Os planos de previdência, afirma, são adequados desde que sejam de bons gestores e com taxas de administração adequadas, já que oferecem vantagens tributárias. Mas, como têm uma gestão mais engessada, ele diz que uma pequena parcela pode ir para fundos de investimento comuns →

# Fixar metas

## Objetivos numéricos ajudam a dimensionar esforço de poupança



A esmagadora maioria das pessoas começa a poupar para a aposentadoria sem conhecer as suas reais metas. Embora a atitude de guardar recursos para o futuro seja salutar, planejadores financeiros consideram que o ideal é que cada um trabalhe com um objetivo numérico que permita dimensionar se o esforço de poupança está em linha com as necessidades e os planos de vida de cada um.

“É necessário encontrar o próprio número. Qual cifra devo perseguir? Quase ninguém sabe quanto precisa guardar”, afirma o planejador financeiro (CFP) Thiago Sampaio, da LifeFP. Ele diz que uma maneira simplificada de fazer o cálculo é multiplicar pelo número 250 a renda mensal necessária para viver - o resultado será a quantia necessária a se acumular até a data da aposentadoria. Esse valor proporcionaria uma renda perpétua, ou seja, os rendimentos obtidos pelo dinheiro acumulado seriam suficientes para garantir retiradas mensais sem que houvesse diminuição do principal. Em outras palavras, a renda obtida seria infinita, desde que os saques mensais não ultrapassassem o valor estipulado e que não houvesse mudanças na rentabilidade do investimento. O cálculo pressupõe que os recursos rendam 0,4% reais ao mês, descontada a inflação e taxas de administração. Portanto, quando há alteração no rendimento, o valor a ser multiplicado (no caso, o 250) também muda.

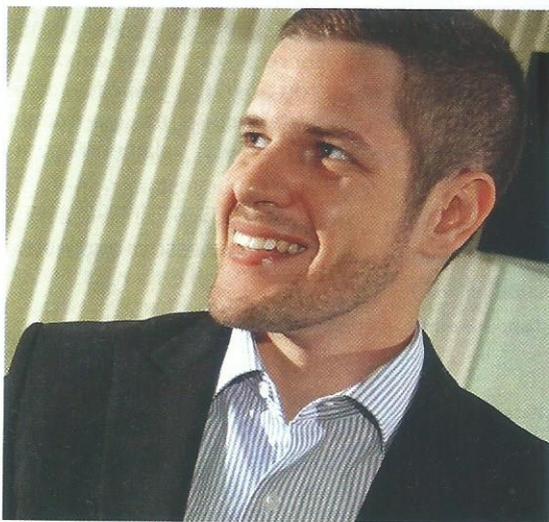
Para ele, um dos equívocos comuns da maioria dos brasileiros é projetar rendas mensais altas, descorrelacionadas com a realidade. O ideal é que a renda seja suficiente para ban-

car o projeto de vida de cada um, mas Sampaio considera que ter o pé no chão é importante nessa hora: “É necessário estipular as reais necessidades e buscar coerência nesse número”. Isso porque, quanto maior a renda almejada, maior terá que ser o esforço de poupança.

E, considerando que as pessoas têm outras metas a realizar, como a compra da casa própria e a educação dos filhos, os recursos poupados para a aposentadoria acabariam por prejudicar a conquista de planos de curto e médio prazos.

Mas há outras alternativas para fixar um objetivo numérico. Bruna Borges, consultora sênior da Mercer, diz que uma delas é projetar o último salário e usar simuladores e ferramentas disponíveis nos sites de seguradoras para descobrir qual montante será necessário acumular para contar com o benefício correspondente ao valor do último salário. “Trabalhar com esse valor é um fator-chave na educação financeira”, afirma. Bruna considera que os números dão um norte para as pessoas e lamenta que essas ferramentas sejam pouco utilizadas.

**Thiago Sampaio, da LifeFP, ressalta a importância de encontrar “o próprio número”**



Edson Ruiz | Valor

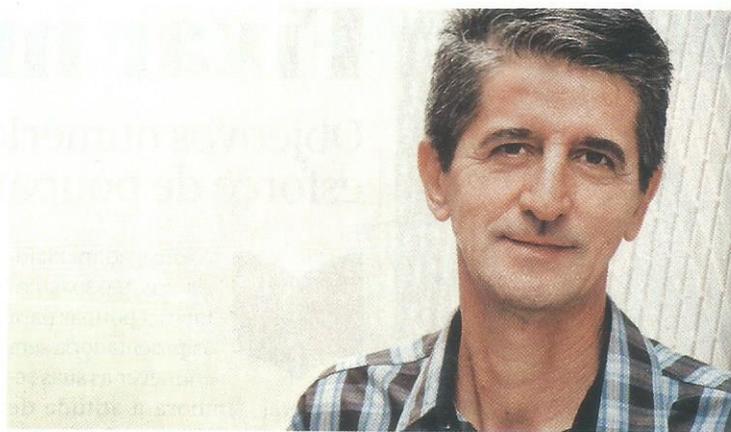
com gestão ativa - ou seja, que selecionam criteriosamente as ações ou ativos em que investir. Leme recomenda que a parcela de risco diminua à medida que o participante se aproxime da data de aposentadoria, quando há menos tempo para se recuperar de perdas.

Outro ponto ressaltado por profissionais é a esperada baixa dos juros brasileiros, cujo ciclo foi iniciado em outubro, por meio da redução da meta da taxa Selic de 14,25% para 14% ao ano. A Claritas, por exemplo, estima queda de 2,75 pontos percentuais no juro básico até o fim de 2017, quando chegaria a 11,5% ao ano. Mas os juros de um dígito, que tornariam os ativos de risco mais atraentes, só são esperados mais para frente, e se as reformas fiscal e da Previdência deslançarem.

Muitos consideram que já é hora de aprender mais sobre os diversos ativos e que a diversificação será uma necessidade não só por conta da maior segurança, mas também porque ajudará a impulsionar a rentabilidade, que tenderá a ficar mais correlacionada com o risco. “Nos próximos doze a quinze meses, será necessário começar a aprender o que é a economia real, conhecer o significado das empresas e analisar o crédito. Até agora, isso não foi necessário porque o CDI deu um ganho maravilhoso”, afirma o economista Fabiano Calil. ■

# Ter disciplina

## Constância das contribuições melhora os resultados



Na época em que José Roberto Rodrigues Da Forna destinava grande parte do seu salário

para um plano de previdência do fundo de pensão Funcesp, muitos dos seus colegas o criticavam. Achavam o desconto na folha de pagamentos exagerado.

Frequentemente, o técnico de inspeção aérea - que fazia a manutenção de linhas de transmissão de energia de até 440 kV - aportava no plano todas as horas extras que ganhava. Vários colegas sequer contribuíam para a previdência complementar, achando que não valia a pena, pois nem sabiam se iam se aposentar na empresa, a CTEEP, transmissora de energia no Estado de São Paulo.

Mas valeu a pena permanecer firme, a despeito da censura dos demais: aos 52 anos, Forna se aposentou e passou a receber recursos do plano em que entrou aos 26 anos. Hoje, aos 53, ele gasta o tempo fazendo consertos em sua resi-

dência na cidade de São Paulo, viaja nos fins de semana para sua casa no Guarujá, litoral paulista, com a esposa, o filho e o cachorro labrador. "Achei bastante vantajoso e compensador o esforço de poupança que fiz", comemora.

No início, contribuía com 2,5% do salário, e a empresa entrava com mais 2,5%. Foi elevando a sua contribuição aos poucos e, quando faltava cinco anos para se aposentar, aportava o máximo permitido. Hoje, seus vencimentos são superiores aos da ativa, pois ele conta também com a aposentadoria pelo INSS e não arca mais com a contribuição para o próprio plano.

Por ter comprovado mais de 25 anos trabalhando em atividade de risco, ele obteve aposentadoria especial pelo INSS. "Felizmente, consegui sair sem ter sofrido nenhum acidente", afirma. A constante observância às normas de segurança pode deixar transparecer que ele tem como característica a disciplina - que é também um atributo fundamental para alcançar uma apo-

sentadoria sem dificuldades financeiras. "Uma das coisas mais importantes ao planejar a aposentadoria é a disciplina na hora de fazer aportes", diz a planejadora financeira (CFP) Leticia Camargo.

Isso porque ela amplia os resultados - o chamado poder dos juros sobre juros, que incidem sobre todo o valor aplicado. Para quem trabalha numa empresa que patrocina um fundo de pensão ou oferece um plano de previdência aberta, é fácil: o valor é descontado no contracheque e não há o risco de esquecer da contribuição.

Aliás, ela ressalta a importância de que funcionários de companhias que contam com esse benefício façam a adesão aos planos, que é vantajosa porque a empresa também contribui - é como se cada real colocado pelo funcionário para a sua aposentadoria rendesse imediatamente o dobro, só por conta da contribuição do empregador.

Para os demais, que não contam com essa possibilidade, Leticia diz que há estratégias que podem fa- →

**O aposentado José Roberto Da Forna fez aportes mensais por 26 anos no plano de previdência**

### A constância faz a diferença

Quantias acumuladas por duas pessoas que investiram valores iguais, mas com periodicidades distintas

Idade (em anos)	35		45		55		65	
	Valor investido	Patrimônio acumulado						
Tempo de contribuição (em anos)	5		15		25		35	
Pessoa A	R\$ 60.000	R\$ 76.624	R\$ 180.000	R\$ 399.573	R\$ 300.000	R\$ 1.239.802	R\$ 420.000	R\$ 3.425.860
Pessoa B	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 180.000	R\$ 180.000	R\$ 300.000	R\$ 668.531	R\$ 420.000	R\$ 1.939.560
Diferença (A-B)	R\$ 60.000	R\$ 76.624	R\$ 0	R\$ 219.573	R\$ 0	R\$ 571.271	R\$ 0	R\$ 1.486.300

Fonte | LifeFP. \*A simulação considera rentabilidade nominal de 0,8% ao mês

cilitar a vida e promover a disciplina, como os agendamentos em aplicações nos títulos do Tesouro Direto, no plano de previdência ou num fundo de investimento. O ideal, diz, é fazer o aporte no dia do recebimento do salário.

Outro ponto é a disciplina para não elevar o padrão e não comprometer a capacidade de poupança. “O que geralmente acontece é que qualquer aumento de salário acaba sendo incorporado e vai para o consumo, para coisas como a troca do carro”, afirma Cristina Monteiro, consultora do programa Vida Investe, da Funcesp.

A constância das contribuições - e não só o montante aplicado - faz toda a diferença, explica o planejador financeiro (CFP) Thiago Sampaio, da LifeFP. Seus cálculos mostram como os resultados obtidos por duas pessoas que pouparam o mesmo valor podem ser bem diferentes por conta da periodicidade dos aportes (*ver tabela*).

Ele toma como exemplo dois indivíduos que guardaram R\$ 420 mil para a aposentadoria. No entanto, o investidor A alcançou R\$ 3,4 milhões aos 65 anos, enquanto o investidor B obteve R\$ 1,9 milhão na mesma idade. Considerando que a rentabilidade dos investimentos foi a mesma, de 0,8% ao mês, por que os resultados de A foram bem melhores do que os de B?

A resposta está na frequência dos investimentos. Enquanto A começou a contribuir aos 30 anos e fazia aportes mensais de R\$ 1 mil, B começou aos 45, aportando R\$ 60 mil a cada cinco anos. Portanto, seu primeiro investimento foi de R\$ 180 mil, igualando-se ao que A poupou em 15 anos, dos 30 aos 45 anos. Note que a quantia investida por A e B é a mesma, R\$ 60 mil a cada cinco anos.

Mas A fazia investimentos mensais, enquanto B optava por um grande aporte com baixa periodicidade. Isso fez com que ele não se beneficiasse tanto do efeito dos juros sobre juros, acumulando 43% menos dinheiro do que A. ■

# Revisar os planos

## Planejamento deve ser dinâmico e contemplar mudanças



“A única certeza sobre o planejamento de sua aposentadoria é que ele vai mudar”,

afirma Thiago Sampaio, planejador financeiro (CFP) da LifeFP. Isso porque todas as projeções sobre valores no longo prazo são baseadas em premissas de rentabilidade, e esta muda frequentemente. “É necessário refazer os cálculos e cuidar do plano de aposentadoria pela vida inteira”, considera ele.

“Um dos maiores erros que as pessoas cometem ao investir em planos de previdência é a falta de disciplina não só para fazer os aportes, mas também de acompanhar o investimento”, diz Maristela Gorayb, diretora de vida e previdência da Mapfre Previdência. Ela afirma ser comum que as pessoas sintam que resolveram a sua aposentadoria só porque contribuem regularmente, deixando de checar a rentabilidade do fundo. O ideal, em sua opinião, é acompanhar o desempenho do gestor uma vez por ano. Ela considera importante levar em conta que os fundos têm perfil de longo prazo e que maus desempenhos no curto prazo não necessariamente são sinal de incompetência.

Além disso, Maristela ressalta a necessidade de refazer cálculos: o esforço de poupança está adequado para complementar a renda no futuro? Houve alguma mudança importante em sua situação, como a mudança do tipo de declaração do imposto de renda, que o levaria a optar por outro plano de previdência?

Fabiano Lima, diretor de vida e previdência da SulAmérica Seguros, considera salutar refazer o planejamento do orçamento a cada mudança na condição financeira pessoal. ■



Divulgação

Um aumento de salário, por exemplo, tende a elevar o padrão de vida. Em consequência, elevaria a necessidade de complementar a renda na aposentadoria - e, portanto, se deveria incrementar a quantia poupada. O nascimento de um filho também deveria provocar uma revisão no orçamento e trazer a necessidade de ajustes, acredita Lima.

O certo mesmo é que, como a aposentadoria é um projeto de longo prazo, as variáveis vão mudar, tornando necessária a reavaliação constante das metas e dos planos. ■

**Pessoas pecam pela falta de acompanhamento dos planos de previdência, considera Maristela Gorayb, da Mapfre**